

RESENHA CRÍTICA:

LIRISMO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM **BOM DIA CAMARADAS**, DE ONDJAKI

*Dinameire Oliveira Carneiro Rios*¹

Referência da obra resenhada:

ONDJAKI. [Ndalú de Almeida]. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. [Romance].

A história política e cultural de Angola se assemelha, em alguns pontos, com a história de outros países africanos e americanos que passaram pelo processo de colonização. Com a chegada dos portugueses ainda no século XV, quando o território angolano ainda fazia parte do Reino do Congo, a região sofreria com as lutas externas e internas e com o processo exploratório e escravocrata em suas terras. Somente no século XX os rumos da história angolana começam a ser alterados no sentido de desencilhar-se do domínio português, principalmente a partir da década de 1950, quando as pressões internas ganharam repercussão internacional e o fim da presença portuguesa no país tornou-se uma questão de caráter inadiável.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). Endereço eletrônico: dina_meire@hotmail.com. — Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção de créditos na disciplina de Fundamentos de Teoria da Literatura, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel.

Durante a década de 1960 três movimentos de libertação nacional — o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) — vão ser responsáveis por uma luta armada contra a presença portuguesa no país, culminando, após o fim do governo ditatorial português que já durava quase 50 anos, na independência em 11 de novembro de 1975.

É importante ressaltar a grande importância que a literatura de autores como Agostinho Neto, Luandino Vieira, Pepetela e José Craveirinha teve no processo de resistência ao domínio português em terras angolanas, disseminando através da escrita não somente críticas à presença de Portugal, mas apelos à necessidade de reapropriação do território por seu próprio povo. Porém, semelhantemente ao que aconteceu em alguns outros países africanos colonizados, a independência política angolana não significou o fim dos conflitos e a imediata delimitação do que seria a nacionalidade de seu povo. Se politicamente o país passaria pelo embate interno entre os três movimentos nacionalistas que lutaram pelo fim da presença portuguesa com o objetivo de controlar o país, no plano cultural fundou-se a União dos Escritores Angolanos (UEA), ainda no final do ano de 1975, visando que a literatura possibilitasse também a libertar culturalmente o país das influências da metrópole, contribuindo para construir uma identidade nacional.

Com o apoio cubano, a MPLA consegue, ainda dias antes do fim da dependência portuguesa, se estabelecer no poder, tendo como presidente o escritor Agostinho Neto, porém não conseguindo pôr fim aos conflitos internos no país que perdurariam até o ano de 2002, marcando a memória de seus habitantes que já haviam passado por um doloroso processo de colonização.

É dentro desse contexto pós-colonial que o escritor angolano Ndalu de Almeida, conhecido pelo público como Ondjaki, situa a narrativa do seu primeiro romance, *Bom dia camaradas*, publicado

em 2001. Agraciado por diversos prêmios de renome nacional e internacional, Ondjaki inscreve-se na esteira dos chamados escritores angolanos pós-coloniais ao situar a sua literatura em um contexto político e cultural de grande relevância para o país. Como aponta Alós (2007, p. 3), é perceptível na literatura pós-colonial produzida em Angola “uma aguçada percepção das inter-relações existentes entre as representações culturais e a realidade política da nação angolana”, mostrando o peso da experiência pós-colonial também no campo literário.

A narrativa de *Bom dia camaradas* se constrói dentro do contexto político em que o governo do MPLA já se encontrava no poder, com o apoio em várias instâncias do governo cubano e o reconhecimento de diversos governos e, inclusive, das Nações Unidas, porém, ainda tendo que enfrentar a oposição da UNITA e da FNLA. Conhecer o contexto da narrativa esclarece em muito as diversas experiências vivenciadas pelo jovem narrador do romance que, por meio de um olhar permeado de lirismo e inocência, revela ao leitor eventos importantes da história do povo angolano.

As histórias giram em torno do cotidiano de um menino que flagra, através do seu olhar de narrador e protagonista, as relações familiares, escolares e sociais de modo geral de uma Luana que há pouco saíra das amarras portuguesas, mas em que subsiste o embate de forças internas opostas. Embora também ocupe o espaço da criação ficcional, é inegável que a narrativa do romance reconstrói também, por meio da memória, a infância do próprio Ondjaki na cidade de Luana, conforme pode se constatado ainda da dedicatória do livro:

ao camarada António e todos os camaradas cubanos; também para meus incríveis companheiros escolares: bruno b., romina, petra, romena, catarina, aina, luaia, kalí, filomeno, cláudio, afrik, kieszse, Helder, bruno “viola”, murtala, iko, tandu, fernando [sic] [...] e todos os outros [...] cujos nomes o tempo me rou-

bou (e os nomes verdadeiros que deixei nesta história são para vos homenagear, só isso) (ONDJAKI, 2006, p. 5).

Filtrada duplamente pelo autor e por seu protagonista (que já se imbricam na abertura do romance, como visto), a memória é o fio condutor da construção do romance. É ela que possibilita a recodificação de um passado próximo, mas fortemente emblemático para a história de Luana. Conforme aponta Huyssen (2004), a memória é um fenômeno cultural e político que proporciona a recuperação de elementos basilares ligados ao tempo e ao espaço que possibilitam reaver e reanalisar categorias históricas enraizadas em cada indivíduo.

Ainda que perpassado pelo olhar curioso e infantil do narrador, é interessante notar como o autor utiliza-se da memória para construir um jogo entre realidade e ficção em que elementos históricos importantes para entender o contexto da narrativa e a situação política de Angola são delineados. Ainda que a dedicatória do livro aponte para um caminho de autobiografia, ao longo da história cada indivíduo citado na abertura do livro vai ganhando autonomia e através do pacto de ficcionalidade são transformados em personagens que presentificam o olhar do protagonista dentro da obra literária.

Nesse jogo entre realidade e ficção situações que revelam o microcosmo do jovem narrador, o menino Ndalú, propiciam ao leitor analisar o macrocosmo da cidade de Luanda e de todo o país durante grande parte da história pós-colonialista de Angola. A convivência na escola junto aos colegas e aos professores cubanos, as lendas, os medos, a presença do camarada Antonio, as reverências necessárias ao presidente, a compra regrada de alimentos são registros da narrativa que reconstroem a memória do protagonista, que pode, ainda que somente em parte, ser estendida ao autor que consegue, dada a necessária distância, analisar aquela realidade social, como se nota no trecho que segue:

Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes. Aí já dava risa, porque todo mundo ia dizer na mesa que o Savimbi era o “Robim dos Postes”. Depois tinha sempre algum ministro ou pessoa do birô político a dizer mais um as coisas. Depois vinha o intervalo com a propaganda das FAPLA. Ah, é verdade, às vezes também falavam da situação na África do Sul, lá do ANC, enfim, isso eram nomes que uma pessoa ia apanhando ao longo dos anos.

[...] Então também percebi que, num país, uma coisa é o governo, outra coisa é o povo. (ONDJAKI, 2006, p. 28).

Além as reflexões do narrador já adulto, esse trecho aponta também para a naturalidade com que as notícias sobre a guerra interna vivida pelo país eram recebidas. Já fazendo parte do cotidiano das pessoas, os conflitos entre o governo e os grupos opositores estão presentes em muitas passagens do livro, em que se mostra também, como no trecho acima, a manipulação dos meios de comunicação por parte dos governantes no poder. Também nesse sentido, há no decorrer do romance uma passagem emblemática que ratifica o domínio ideológico do Estado através da manipulação dos meios de comunicação. Isso acontece quando o narrador-personagem é convidado a ler uma mensagem na Rádio Nacional de Angola em homenagem aos trabalhadores, porém, diferente do que imaginara, não poderia ler um discurso próprio como havia preparado, mas teve que ler um texto pronto que já havia reservado para ele e as outras duas crianças convidadas para a ocasião.

— Portaste-te bem? — a minha mãe.

— Sim, portámos-nos todos bem. Os outros miúdos eram bem fixes... — abro a janela, ponho a cabeça de fora, está calor.

— Como é que foi? Leste a tua mensagem?

— Afinal não foi preciso, mãe.

— Não?

— Não, eles tinham um papel lá da Rádio, com carimbo e tudo, já tinha lá mensagens de cada um. Eu li uma e eles leram as outras duas (ONDJAKI, 2006, p. 39).

Neste caso é possível observar que a percepção quanto ao episódio em questão esteve ligada somente ao universo infantil do menino, sem a interferência no tempo presente da narrativa de uma reflexão quanto ao significado de ter um discurso cerceado, oprimido e a correlação com o tempo da narrativa. Dentro da própria diegese da narrativa há dois personagens que marcam a trajetória pessoal do narrador-personagem e que se inscrevem em posicionamentos relevantes para que se possa analisar o contexto em que se insere o romance: são eles a tia Dada e o cozinheiro António.

A chegada da tia Dada é narrada com grande entusiasmo e ansiedade pelo narrador-personagem que há muito esperava conhecer a tia de voz doce que morava em Portugal, a quem ele só conhecia através das conversas por telefone. A presença da tia representa ao longo da história uma relação entre as amarras do passado e o real presente no país, além de uma descoberta, para Ndalú, da existência do outro, da alteridade, contribuindo também para a construção da identidade do garoto. A tia Dada pode ser vista como uma personagem que remete ao passado colonial do país, vivido até o ano de 1975, sendo que o seu contato com o narrador-personagem representa um momento de reflexões para a situação atual atravessada por Angola. Em uma dos diálogos entre os dois, o narrador começa a perceber as diferenças existentes entre o viver em Angola e o viver em outro país:

— Tia, não percebo uma coisa...

— Diz, filho.

— Como é que tu trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para isso tudo?

— Mas qual cartão? — ela fingia que não estava a perceber.

— O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é? — eu, a pensar que ela ia dizer a verdade.

— Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.

— Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? — eu já nem lhe deixava responder.

— Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?

— Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos... (ONDJAKI, 2006, p. 49).

Este diálogo traz à tona uma realidade da população angolana na época em que transcorre a narrativa, a década de 1980, em que o regime socialista determinava que fossem utilizados os cartões de abastecimento como uma maneira de controlar a quantidade de alimentos que poderiam ser comprados por cada família, o que contrasta com a realidade vivida por tia Dada em Portugal. Isso se relaciona também ao modo como o “camarada” António, outro importante personagem na narrativa não só por se fazer fortemente presente na vida do menino Ndalu, mas por ser um dos responsáveis pela maturação do narrador e se refere ao período em que o povo de Angola esteve preso às amarras da metrópole portuguesa. António era o cozinheiro da casa do menino e em um dos vários diálogos entre os dois, surge o seguinte questionamento:

Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? [...]

— Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos por-

tugueses, e sorria assim tipo mistério

(ONDJAKI, 2006, p. 15).

Esse personagem é um importante elo entre o período pré e pós-1975, pois, diferente da euforia com que muitos encararam o presente do país, António traz em suas falas uma aparente saudade dos tempos em que Angola ainda era uma colônia portuguesa, sugerindo que, embora a independência política alcançada em 1975, o país ainda continuava preso em interesses políticos de um pequeno grupo, enquanto uma grande parcela da população se via obrigada a seguir regras que infringiam uma liberdade sonhada e supostamente obtida após 1975.

Outra presença marcante na vida do narrador é a dos professores cubanos da escola que frequentava. Como a etapa de suas memórias no romance se refere a um ano letivo, além da presença dos colegas da escola, como o Murtala, a Petra, a Romina, os professores cubanos que trabalhavam na escola são importantes no amadurecimento e na tomada de consciência por parte de Ndalú em relação ao contexto político angolano. Enviados como parte da ajuda oferecida por Cuba nas esferas política, educacional etc., os professores, como o camarada Ángel, vão mostrar que a escola deveria ser um instrumento capaz de contribuir para a formação do indivíduo e ser um espaço de resistência em relação ao que era imposto ao cidadão em uma realidade de guerra civil. Afirmações como *“No quiero que se queden con esa cara... están pálidos de miedo! Miren, la escuela también es un sitio de resistencia...”* (ONDJAKI, 2006, p. 70), apontam para a maneira como os jovens eram direcionados para lidar com a realidade de conflitos internos e com a desilusão frente ao que representou para muitos a vida pós-independência. Sobre essa experiência com os professores cubanos durante a infância o escritor Ondjaki (2014) afirma que *“foi fantástica, perturbadora enternecedora ao mesmo tempo. [...] Era gente muito honesta, muito íntegra, coerente, simples. Qualidades que hoje em dia são cada vez mais raras”*.

É também a presença dos cubanos que justifica o uso tão frequente do vocativo flexionado que está presente no título do romance, *Bom dia camaradas*. O termo “camarada”, tão indistintamente utilizado pelo narrador, indica o alinhamento do governo socialista angolano pós-independência e países que apresentavam esta ideologia, como Cuba e Rússia, contribuindo também para situar temporalmente a história contada.

Embora se situe em um contexto de guerra interna no país, a narrativa de *Bom dia camaradas* não se prende ao panfletário ao discutir as memórias do protagonista sobre o período nem mesmo se atém a revelar as atrocidades e amarguras que marcam momentos como este. O que perpassa a construção da narrativa de Ondjaki é o lirismo do olhar de um menino que, ainda que estivesse passado por uma importante fase de sua vida, registra com alegria e certa dose de ingenuidade os fatos vividos, ainda que não consiga, como no episódio em que leria sua mensagem na rádio, captar a realidade velada em cada situação presenciada.

Ao analisar o lirismo que perpassa o olhar do narrador e consequentemente a construção do romance, Motta (2012, p. 35) afirma que, se na primeira parte do romance é possível perceber que o narrador utiliza-se da memória para “reflexões nostálgicas sobre um tempo de indagações, de dúvidas, de curiosidades, de constatações e de incertezas próprias de um jovem em idade escolar, a respeito das relações sociais e políticas luso-angolanas de um tempo anterior ao seu”, é na segunda parte do romance que fica mais evidente que os sentidos e o lirismo ficam mais aguçados, fazendo com que as memórias do garoto venham recheadas de cheiros, cores e sabores que marcaram a época de sua juventude e da história do povo angolano.

Embora a capital do país não tenha sofrido diretamente com os conflitos da guerra civil, o romance de Ondjaki é um importante registro de todos os efeitos colaterais que a população sentiu, como

a falta de alimentos e de água. E, em meio a tudo isso, o livro revela também ao leitor o gradativo amadurecimento de um jovem que, com seu olhar “certeiro” flagra o cotidiano marcado pela insegurança, o cerceamento, os medos, mas mescla a isso a beleza do olhar pueril que aos poucos consegue compreender o real significado de tudo que via e ouvia sobre seu país e os países vizinhos.

Por fim, o romance é concluído com uma nova fase para Ndalú, fase de mudanças, saudades, mas, acima disso, de uma renovação que já parecia ser anunciada pela chuva que caía ao fim da narração de suas memórias. Seria “um novo ciclo”, mas “E se chovesse aqui em Angola toda” (ONDAJKI, 2006, p. 137), pensa o narrador, implicitamente sugerindo uma correlação entre as suas memórias e as do próprio país que, a partir de então, realmente passaria por grandes mudanças.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. As fronteiras internas da nação: pensando o colonialismo a partir da literatura angolana. *Cadernos do IL*. Porto Alegre (UFRGS), n. 35, dez. 2007. Disponível

em: <http://sumarios.org/sites/default/files/pdfs/58418_6759.PDF>. Acesso em: 20 abr. 2014.

MOTTA, Anna Maria Claus. Memórias infantojuvenis, em Bom dia camaradas, de Ondjaki. *Cadernos CESPUC*, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/index>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

ONDJAKI. [Ndalú de Almeida]. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ONDJAKI. [Ndalú de Almeida]. Entrevista a Ramon Mello, do Sarau Eletrônico da Biblioteca Universitária da Fundação Universidade de Rio Grande. Disponível em: <bu.furb.br/sarauEletronico/index>.

php?option=com_content&task=view&id=125&Itemid=28>. Acesso em: 14 fev. 2014.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed., 2004.

Recebido em: 3 ago. 2014. Aprovado em: 20 set. 2014.